

OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA PARA SURDOS NA ESCOLA ESTADUAL FREI CASSIANO DE COMACCHIO NA CIDADE DE BELO JARDIM-PERNAMBUCO

Fernando Bezerra das Chagas (1); Maria Cristina da Silva (1); Maria do Socorro de Souza Nascimento (2); Nubênia de Lima Tresena (4)

(1) THE GRENDAL COLLEGE AND UNIVERSITY - UNIGRENDAL fernandoxucuru@hotmail.com

(1) THE GRENDAL COLLEGE AND UNIVERSITY - UNIGRENDAL mcsilva305@hotmail.com

(2) THE GRENDAL COLLEGE AND UNIVERSITY - UNIGRENDAL socorroprofessora76@gmail.com

(4) UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG nubeniabiologia@gmail.com

RESUMO: Segundo a constituição federal de 1988, todos os brasileiros registrados têm direitos ao acesso a educação, saúde, trabalho, lazer e demais recursos que lhe garantam a plena estabilidade social. Buscamos como objetivo geral dessa pesquisa, conhecer como ocorre o processo de inclusão de alunos surdos, reconhecendo as dificuldades em comunicar-se com a comunidade escolar numa escola de ensino regular na cidade de Belo Jardim - PE. O referido trabalho usou como metodologia uma pesquisa qualiquantitativa, buscando entender o desenvolvimento do processo educacional quanto a inclusão e foi realizada uma pesquisa de campo para que fosse tabulado e construído o resultado final. Concluiu-se que os estudantes surdos se sentem bem acolhidos pela escola, principalmente pelo fato de a mesma dispor de intérpretes, fundamental na transmissão dos conteúdos. Percebe-se também uma aprovação na metodologia utilizada pela instituição escolar. Apenas um dos estudantes afirma que deveria ser disponibilizados mais recursos. No que se refere aos desafios, o principal deles é a dificuldade em comunicar-se com os demais alunos e professores que não dominam a língua de sinais. Nos questionamentos aos alunos não surdos, a maioria admite ter um convívio normal com alunos surdos, ressaltando apenas, dificuldade de comunicação. Entretanto, os estudantes desaprovam à estrutura física e metodológica da escola para com os estudantes surdos. Portanto, a escola mesmo com limitações procura promover a interação desses alunos surdos com os demais membros da comunidade escolar, de modo que esses se sintam de fato acolhidos e inclusos no âmbito pesquisado.

Palavras-Chave: Inclusão, Formação profissional, Políticas Públicas.

INTRODUÇÃO

A Educação inclusiva é um tema que tem gerado muitas discussões, pois são muitos os entraves e desafios estabelecidos através da história da educação no Brasil. Porém não podemos perder de vista o fato de ser algo garantido por lei institucional. A Lei nº 10.098/94

que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências (BRASIL, 1994).

Levando em consideração os direitos das pessoas com deficiências é preciso reconhecer que essas são brasileiras que devem ser inseridas no seio da sociedade, gozando das mesmas oportunidades e benefícios educacionais.

Com a implantação da Lei 10.098/94, abriu-se um importante leque de oportunidades para a inclusão das pessoas com deficiências. Porém, o sistema de educação não garante da mesma forma a disponibilidade de recursos suficientes para a realização emancipatória da lei. Deparamos-nos com profissionais sem as devidas qualificações e quando esses as tem, na maioria das vezes são por méritos próprios e com os próprios recursos. Em outras palavras, os interesses do sistema de educação brasileiro são estatísticos e numerológicos, com pouca disponibilidade de recursos e sem acompanhamento desses (BRASIL, 1994).

Há fatores positivos e negativos no modelo educacional inclusivo, garantidos a partir da constituição de 1988 no seu art. 205 “A educação é direito de todos e dever da família” . Como fator positivo, destaco a abertura ao debate proporcionado por tal lei e de certa forma a constatação, ainda sendo insuficiente, de que melhorou a oferta dessa modalidade de ensino (BRASIL, 1988).

Dentre as correntes de ensino inclusivo, destaca-se a LIBRAS ou LSB (Língua de Sinais Brasileira).

Libras é uma língua que se evidencia pela sua modalidade visual e espacial, que foi desenvolvida pelas comunidades surdas do Brasil, por meio de aspectos culturais e de identidade. Como toda língua, a LIBRAS é dinâmica e está sempre em processo de desenvolvimento e ampliação. É reconhecida na legislação brasileira como língua oficial do Brasil, assim como a Língua Portuguesa (GOES, 2016).

A linguagem é universal e pertencente a todo ser humano, e isso ocorre de diferentes formas: escrita, símbolos, fala, gestos, linguagem facial, etc. No Brasil, a LIBRAS é reconhecida como a primeira língua dos surdos (GOES, 2016).

O maior desafio que se apresenta atualmente é transpor cada um dos inúmeros obstáculos, pois para se ter uma educação inclusiva verdadeiramente são necessárias formação humana (MUNIZ,2016).

A presente pesquisa tem como objetivo conhecer como ocorre o processo de inclusão, a partir da percepção dos alunos surdos e não surdos reconhecendo as limitações e os avanços ocorridos.

Entendendo-se que o aluno necessita ser alfabetizado atendendo suas especificidades, fica, portanto, o questionamento sobre o que pode ser feito para resolver os problemas abordados e como podemos contribuir para melhorar a qualidade do ensino da Educação Inclusiva (LIBRAS), uma vez que a Educação é um direito de todos, segundo o artigo 205 da Constituição de 1988?

A partir deste contexto a presente pesquisa se justifica pela necessidade de realizar um estudo sobre a inclusão numa escola de ensino médio com proposta inclusiva, compreendendo a partir da percepção dos alunos quais os avanços e limitações da prática inclusiva. O trabalho em tela tem sua relevância por se tratar de equidade de direitos e oportunidades

METODOLOGIA

Tipo de Pesquisa

A referida pesquisa é de natureza básica, pois tem por intuito produzir novos saberes para que se possa avançar numa determinada temática trazendo novas informações a respeito da temática proposta. De acordo com Gil (1999, p. 42) este tipo de pesquisa “procura desenvolver os conhecimentos científicos sem a preocupação direta com suas aplicações e consequências práticas.”

No que se refere aos objetivos, a pesquisa em foco é do tipo descritiva exploratória. De acordo com Marconi e Lakatos (2004) são estudos que tem por objetivo descrever completamente determinado fenômeno, como, por exemplo, o estudo de um caso para o qual são realizadas análises empíricas e teóricas.

De acordo com Richardson (1999, p.71), os estudos de natureza descritiva propõem-se “investigar o “que é”, ou seja, a descobrir as características de um fenômeno como tal. Nesse sentido, busca-se produzir conhecimentos e informações que contribuam para aprofundamento no estudo da Educação Inclusiva.

Quanto ao procedimento adotamos um levantamento bibliográfico e um estudo de caso. O estudo de caso é um método qualitativo que consiste, geralmente, em uma forma de aprofundar uma unidade individual. Conforme Yin (2001) o estudo de caso é uma estratégia de pesquisa que compreende um método que abrange tudo em abordagens específicas de coletas e análise de dados. Já o levantamento bibliográfico corresponde a um levantamento de um vasto aporte literário que servirá de bojo para a discussão dos resultados.

Local da pesquisa

O campo de trabalho dessa pesquisa é a escola Frei Cassiano de Comacchio, localizada na cidade de Belo Jardim – PE. Essa Instituição é mantida pelo Governo do Estado de Pernambuco e faz parte da GRE Centro Norte, Caruaru-PE.

Caracterização dos Sujeitos

Foram escolhidos como amostra para essa pesquisa três estudantes do ensino regular e três estudantes surdos. A escolha dos estudantes obedeceu alguns critérios, como o fato de serem do ensino médio e ser justamente esse nível no qual os estudantes surdos se encontram.

De acordo com Marconi e Lakatos (2002), amostra é um subconjunto da população, uma parcela, conveniente selecionada do universo a ser pesquisado.

Instrumento e coleta de dados

Para obtenção dos dados foram aplicados questionários aos sujeitos da pesquisa. Foram elaboradas três perguntas subjetivas (abertas) para os (as) estudantes surdos (as). Já para os (as) demais estudantes da turma (não-surdos) foram aplicadas duas questões também subjetivas.

Gil (1991) afirma ainda que a aplicação do questionário deverá ser construído em blocos temáticos obedecendo a uma ordem lógica na elaboração das perguntas; a redação das perguntas deverá ser feita em linguagem compreensível ao informante.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entrevista com os (as) estudantes surdos (as)

Como você se sente como estudante da escola Frei Cassiano de Comacchio?

Estudante 1: *Inserido na Escola regular.*

Estudante 2: *Bem, principalmente por causa das intérpretes.*

Estudante 3: *Interação com outras pessoas.*

Analisando as respostas dos sujeitos da pesquisa quanto aos seus ingressos na escola destacada, há uma concordância quanto ao papel da escola no sentido de incluir e possibilitar a socialização dos surdos com os demais estudantes das respectivas turmas, com a comunidade escolar e a partir daí, com a sociedade. Os estudantes surdos ainda complementaram em suas respostas:

Apesar de vir estudar nessa escola pela dificuldade de encontrar uma escola especial para surdos, me sinto bem, principalmente por causa do convívio com os outros alunos, com os diretores e com minhas professoras, além das intérpretes de libras (Estudante 1)

Me sinto bem, e quando soube que tinha intérpretes de libras, não tive dúvida que era bom estudar nessa escola e também é bom está junto com as outras pessoas libras (Estudante 2).

Eu sempre tive vontade de conviver com as outras pessoas, porque minha surdez não me faz incapaz. Por isso quis estudar junto com alunos da escola regular (Estudante 3).

No decorrer da história da Educação Especial para Surdos, já foram desenvolvidos vários modelos para possibilitar que a vida e o convívio social desses estudantes seja o mais emancipatório possível. Hoje em dia a ideia é matricular os (as) estudantes surdos (as) nas escolas regulares, principalmente pelo reconhecimento da Constituição de 1988, no artigo 205, que reza em outras palavras que sociedade brasileira precisa derrubar as barreiras da falta de inclusão, de respeito, de igualdade de direitos (BRASIL,1988).

Há uma cobrança para que as instituições responsáveis voltem seus olhares para o tratamento igualitário para com essas pessoas, que devem gozar dos mesmos direitos estabelecidos em lei.

Como você avalia a metodologia (a forma de Ensino) usada para a sua formação pela Instituição?

Estudante 1: *Muito boa. As intérpretes facilitam a aprendizagem*

Estudante 2: *Satisfatória, estou avançando aos poucos.*

Estudante 3: *Acho que poderia ser melhor se tivesse mais recursos.*

Baseando-se nas respostas dos (das) estudantes, percebe-se a aprovação da metodologia utilizada pela instituição escolar e segundo o relato desses estudantes, as intérpretes fazem a diferença, uma vez que facilitam a comunicação entre e a comunidade escolar. Vale lembrar que a Libras é a primeira língua oficial dos surdos e é justamente essa a importância das intérpretes, por serem detentoras desse tipo de linguagem. Lembrando

também que a metodologia desenvolvida pelos professores precisam levar em consideração os(as) estudantes surdos (as).

Nessa perspectiva, Frias (2010, p. 13), afirma que a inclusão dos alunos surdos em sala regular precisa de mudanças no sistema educacional como um todo e constantemente de adaptações no currículo da escola, com métodos que tenham significados cognitivos, metodologias apropriadas e avaliação que condiz com a especificidade do aluno surdo; necessita ainda que sejam elaboradas atividades que incluam este aluno, favorecendo com isso as potencialidades existentes, além de trabalhos e grupos diferenciados e constantemente serem divididos sem que haja um rótulo em sala.

Quais as suas principais dificuldades em sala de aula?

Estudante 1: *É a falta de material de apoio, com símbolos para facilitar a linguagem dos surdos*

Estudante 2: *É de me comunicar com as outras pessoas, apesar de muitos já compreenderem nossa linguagem, não apenas por símbolos, mas também por gestos.*

Estudante 3: *É a dificuldade em comunicar-me com os demais estudantes da turma e com os professores, apesar deles entenderem alguns dos gestos e até os símbolos que utilizamos como forma de linguagem.*

Analisando as respostas dos estudantes, percebe-se dificuldades de comunicação, pois nem todos os estudantes da turma e a comunidade escolar compreendem as formas de linguagem (comunicação) apresentada pelos surdos. Os surdos marcam sinais faciais ou corporais que identificam as pessoas que convivem com eles. Com isso, ao cumprimentar as pessoas, eles reconhecem os nomes pelos sinais criados por eles. Vale lembrar que cada um tem a sua forma individual de criar essas marcas que caracterizam a outra pessoa. Essas marcas podem ser um sinal físico, olhos, puxados, tipo de cabelo, mancha na pele, estatura física, entre outras.

Os surdos precisam dar significações ao mundo por meio de uma linguagem e pra isso precisam buscar outra forma de comunicação linguística que não seja por meio da fala.

Fica claro que a inclusão de alunos surdos em escolas regulares, apresentam alguns dos desafios como a dificuldade de comunicação com o aluno, uma vez que ele não compreende bem a língua portuguesa oralizada ou escrita; ausência de intérpretes de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), para que a transmissão do conteúdo para o aluno possa ser feita através da sua língua mãe; defasagem de conhecimentos do aluno surdo com relação aos

demais, devida à falta de comunicação e instrução dentro e fora da escola; carência de recursos bilíngues, visuais, dentre outros (BARRAL et al., 2012; LORENZINI, 2004; QUADROS, 2005).

Entrevista com os estudantes da turma dos surdos

Como ocorre o convívio entre os estudantes regulares e especiais “ surdos “ nessa Instituição Escolar?

Estudante 1 – *Normal, a interação é facilitada com o passar do tempo.*

Estudante 2 – *Apresenta dificuldade, pois há dificuldade na comunicação.*

Estudante 3 – *Normal, a dificuldade é em comunicar-se.*

É revelado acima que a grande dificuldade no convívio é a comunicação. Os alunos relatam que as relações estabelecidas não são melhores pela dificuldade dessa comunicação, já que os alunos não surdos não dominam a língua de sinais. Uma solução para esse problema era se pensar em aulas de libras para os demais estudantes que tem o convívio com os alunos surdos, isso facilitaria bastante a comunicação e com certeza a interação seria ainda maior. Os estudantes ainda relatam:

- *Convivo normalmente com os estudantes surdos. No início é bem difícil porque a gente não entende os gestos deles. Mas com o passar do tempo, a gente vai se acostumando com as expressões e com os símbolos. É bom porque a gente acaba aprendendo os símbolos de libras, que podemos utilizar fora do ambiente escolar em outras situações (Estudante 1).*

- *Eu me relaciono bem com esses estudantes, mas tenho muita dificuldade em entender a linguagem deles. Alguns gestos eu compreendo, outros não. Solicito ajuda de colegas (Estudante 2).*

- *O relacionamento é normal, apenas apresenta dificuldade por causa da comunicação (Estudante 3).*

O resultado da entrevista mostra que a dificuldade em comunicar-se é mesma apresentada pelos estudantes surdos. Porém, é notória boa convivência social entre eles. Segundo Góes (2004), aprender uma língua significa dar significações ao mundo por meio de uma linguagem, partindo desse pressuposto, é notório que um indivíduo com surdez precisa buscar outra forma de comunicação linguística que não seja por meio da fala.

Esse convívio social entre pessoas com Necessidades Educacionais Especiais legitima o que reza a constituição de 1988 no seu art. 205 “A educação é direito de todos e dever da família” (BRASIL, 1988).

É preciso derrubar as barreiras do preconceito em achar que os surdos não podem desenvolver aprendizagens significativas, pois, pelo que pôde ser observado, há dificuldade, mas essas não impedem que estudantes com surdez aprendam e avancem nos estudos, além de conviver de forma inclusiva com os diversos membros da sociedade.

Você acha que a Escola está preparada para receber os alunos com deficiência (surdos)?

Estudante 1. *Acho que não*

Estudante 2. *Não*

Estudante 3. *Mais ou menos*

Ao ser questionada sobre o preparo da escola para receber os alunos surdos, a estudante 2 fez o seguinte comentário: *Não, pois podemos ver as dificuldades bem de perto em nossa sala de aula e nos demais ambientes da escola.*

Pelas respostas ao questionário, percebe-se que os estudantes desaprovam à estrutura física e metodológica da escola para com os estudantes surdos. Segundo eles, isso ocorre pela falta de investimento nessa modalidade de ensino, uma vez que, falta material pedagógico, falta formação adequada dos profissionais atuantes nessa área, falta investimento na estrutura física da escola, falta maior participação da comunidade escolar, entre outras.

Para Lacerda (2000), as práticas pedagógicas utilizadas com os alunos surdos apresentam muitas limitações. A maioria deles chega ao final da escolarização básica sem ter-se apropriado da leitura e da escrita com competência e, em muitos casos, sem ter sequer alcançado o domínio mínimo dos conteúdos acadêmicos propostos para esse nível de ensino.

Com isso, percebe-se que muito tem sido feito pela educação especial para surdos no Brasil. Mas ainda existe um longo caminho a trilhar para alcançarmos a inclusão desses estudantes na sua totalidade, como determina a constituição de 1988.

Notadamente, há um esforço para derrubar as barreiras do preconceito, da falta de investimento, do aumento da oferta de formação continuada para os professores e intérpretes e isso será possível quando cada membro da sociedade assumir o seu papel, inclusive cobrando

das instituições responsáveis pela educação, uma vez que, cabe ao estado promover uma educação de qualidade para todos os cidadãos brasileiros.

CONCLUSÕES

É inegável o quanto à educação inclusiva teoricamente se apresenta como uma proposta valorosa, pois o ideal seria que o aluno surdo, ou qualquer outro aluno com deficiência, tivesse direito a uma real inserção no âmbito educacional regular e de fato fosse ofertada uma educação de qualidade com uma metodologia adequada as suas necessidades. No entanto, o que vemos na prática ainda está aquém do que determina à legislação. Uma efetiva educação inclusiva de surdos não deve se restringir a simples obrigação de inseri-los fisicamente em um ambiente escolar, mas atentaria para efetivação dessa inclusão em todas as vertentes, inclusive nas mudanças atitudinais de todos que fazem parte da escola. Na realidade pesquisada vimos que há um bom acolhimento por parte de todos em relação aos estudantes surdos e que esses sentem essa aceitação e respeito.

Em relação à metodologia, todos os alunos surdos estão satisfeitos com os métodos utilizados, principalmente pela participação das intérpretes auxiliando nesse processo, no entanto, ainda relatam que se tivessem mais recursos facilitaria ainda mais. Os demais estudantes ao serem questionados dentro dessa temática contrariamente do que afirmam os estudantes surdos, não acham que a escola pesquisada fornece uma metodologia adequada para esses alunos deficientes, e não tem, em suas opiniões, uma estrutura física de fato que atenda as necessidades dos alunos surdos. Sem dúvida a inclusão deve passar primeiramente pela valorização da qualidade das práticas metodológicas oferecidas, a escola, como um todo, deve estar compatível para atender as reais necessidades dos alunos.

Em se tratando das principais dificuldades encontradas em sala de aula todos os alunos surdos relatam que a maior delas é a dificuldade de comunicação, pelo fato de professores e alunos não dominarem a linguagem de sinais (Libras) e isso acaba dificultando a interação entre eles. Deve-se está atento para que haja uma verdadeira interação entre ouvintes e surdos não estando restrita apenas a uma pequena noção de Libras. A promoção de interações entre ouvintes e surdos, é primordial para que todos que fazem a escola também procurem conhecer a cultura surda, e desse modo possa promover o conhecimento, união e interação entre os alunos surdos e os demais.

Referências

BARRAL, J; PINTO-SILVA, F. E; RUMJANEK, V. M. Comunicando ciência com as mãos. *Ciência Hoje*, n. 296, p. 26-31, set. 2012.

BRASIL. Decreto Nº 5.296 de 02 de dezembro de 2004 - DOU de 03/12/2004. Acesso em: 24 ago. 2018

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil, promulgada em 5 de outubro de 1988. 24. ed. São Paulo: Saraiva, 2000. (Coleção Saraiva de Legislação).

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Constituição. República Federativa do Brasil. Brasília, DF: MEC, 1988.

FRIAS, E. M. A. Inclusão escolar do aluno com necessidades educativas especiais: contribuições ao professor do Ensino Regular, 2001. Disponível em: acesso em: 23/07/2018.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 1991.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOES, Ricardo Schers. **Lingua Brasileira de Sinais-Libras**. UNIASSELVI, 2016.

LACERDA, C.B.F. A inserção da criança surda em classe de crianças ouvintes: focalizando a organização do trabalho pedagógico. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 23, 2000, Caxambú. Anais... Caxambú: ANPED, 2000. Disponível em: Acesso em 26/07/2018.

LORENZINI, N. M. P. Aquisição de um conceito científico por alunos surdos de classes regulares do ensino fundamental. 2004. 156 p. Dissertação (Mestrado em educação) – Universidade Feral de Santa Catarina, Santa Catarina – RS, 2004.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Técnicas de pesquisa. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. V.. Metodologia científica. São Paulo: Editora Atlas, 2004.

MUNIZ, Rui Vicente Feitoza, **A formação de professores para a inclusão de alunos com deficiência em uma escola na rede estadual de ensino do Ceará – Brasil**. Local: Editora, 2016.

QUADROS, R. M. A escola que os surdos querem e a escola que o sistema “permite” criar: estudo de caso do estado de Santa Catarina. GT: Educação especial, n. 15. XXVIII Reunião anual da ANPED, Caxambu, 2005.

RICHARDSON. R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. Ed. rev. amp. São Paulo: Atlas, 1999, p 71.

YIN, Roberto K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 2ª Ed. Porto Alegre. Editora: Bookmam. 2001.